

**África e os “retornados”: fotorreportagens de Pierre Verger n’O *Cruzeiro*\***

**KARINE COSTA OLIVEIRA\*\***

**1. Introdução**

A presente comunicação tem com objeto de estudo algumas representações de África<sup>1</sup> associadas e difundidas pela revista *O Cruzeiro* em uma série de fotorreportagens “Acontece que são baianos” que tratou dos chamados “retornados”, escravizados que voltaram à África, Golfo do Benin, constituída por fotografias de Pierre Verger<sup>2</sup> e textos de Gilberto Freyre no ano de 1951. Este recorte baseia-se na participação de Verger como fotógrafo da referida revista e seu enfoque em variados elementos do continente africano. Neste texto, tomamos como aporte teórico duas noções, a saber, a de fotografia; e a tríade da História Cultural representação, prática, apropriação.

Para discutir as fotografias produzidas por Verger nas fotorreportagens enfocadas foram utilizadas proposições de Boris Kossoy (KOSSOY, 1989:14), para quem as fotografias são importantes documentos que revelam informações, emoções, aspectos expressivos do cotidiano das sociedades. Para este pesquisador, toda fotografia é composta por três elementos essenciais: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia, que se concretizam em um definido espaço e tempo. Assim, na sua análise deve-se considerar

---

\*Comunicação apresentada no XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFNR – Natal 22 a 26 de julho de 2013.

\*\* Universidade Estadual de Feira de Santana – Ba - Mestranda do Programa de pós-graduação-Mestrado em História, Cultura e Poder UEFS. Bolsista - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). [Karinecost@hotmail.com](mailto:Karinecost@hotmail.com) Orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ione Celeste Sousa (UEFS).

<sup>1</sup>Sobre representações de África no Brasil ver: CARVALHO, Juvenal de. *Veja: Um olhar sobre a independência de Angola*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia: Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002; DZIDZIENYO, Anani. *A África vista do Brasil: Uma pesquisa sobre o modo pelo qual o Jornal da Bahia encarou a África de 1958 a 1969, inclusive as relações do Brasil com os países africanos*. África- Revista do centro de estudos africanos. USP, São Paulo, 1970; OLIVA, Anderson Ribeiro. *A África nos bancos escolares: Representações e imprecisões na literatura didática*. Estudos afro-asiáticos. Ano 25. n° 3. 2003; RODRIGUES, José Honório. *Brasil e África: outro Horizonte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. Coleção Retratos do Brasil: v. 9. SILVA, Alberto da Costa e. *A História da África e sua importância para o Brasil*. In: *Um Rio Chamado Atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. Ed. UFRJ, 2003.

<sup>2</sup> Sobre Pierre Verger. Ver: LÜHNING, Angela. *Homenagem: Pierre Verger*, Afro-Ásia, n° 21-22 p.p315-364 (1998-1999). LÜHNING, Angela (org) *Pierre Verger, Repórter Fotográfico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

as finalidades de cada fotografia, pois poderão ser “(...) um meio de informação, um meio de conhecimento, e conterão sempre valor documental, iconográfico”. (KOSSOY, 1989: 31-36).

Conforme nos diz Milton Guran(GURAN, 1999:6-7), a fotografia “(...) é uma extensão da nossa capacidade de olhar e constitui uma técnica de representação da realidade (...) por mais próximo que esteja do real, (...) não é o real em si, mas sim sua representação”. Também discutindo os usos da fotografia como fonte histórica, Ana Maria Muad(MAUAD, 1996:79) propõe que a fotografia:

*(...) é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sígnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem.*

Seus conteúdos não podem ser pensados como meras ilustrações de texto. Pensando o uso das fotografias veiculadas, particularmente, pela imprensa, temos que considerá-las sempre enquanto mensagem político – ideológica, como no caso, do fotojornalismo ou fotorreportagem. Definido por Sousa (SOUSA, 2002:7-8) como:

*(...) uma atividade sem fronteiras claramente delimitadas. O termo pode abranger quer fotografias de notícias, quer as fotografias dos grandes projetos documentais, passando pelas ilustrações fotográficas e pelos features (as fotografias intemporais de situações peculiares com que o fotógrafo depara), entre outras. De qualquer modo, como nos restantes tipos de jornalismo, a finalidade primeira do fotojornalismo (...) é informar.*

O fotojornalismo surgiu a partir do momento em que foi possível a impressão de textos e fotos de forma simultânea, já por volta de 1884. E as revistas começaram a publicar fotos em torno de 1890. No Brasil, a *Revista da Semana* foi pioneira na introdução da fotografia em 1900, no entanto, somente a partir da II Guerra Mundial o fotojornalismo brasileiro ganhou impulso (LINS e VALENTE, 1997:28). Inclusive a revista *O Cruzeiro*, a partir dos anos 1930,1940, foi a grande precursora da introdução, de fato, do fotojornalismo no Brasil, sobretudo, com a contratação de fotógrafos vindos da Europa, onde tal prática já era consagrada, como Jean Manzon e Pierre Verger.

Para a análise das representações sobre África partimos da proposta de Chartier (CHARTIER, 1990:16-17) “que as práticas sociais são produzidas por representações,

pelas quais os sujeitos e os grupos dão sentido ao seu mundo”. Assim, as representações são resultados da leitura que os sujeitos fazem do mundo. O autor ressalta que na formação das representações sociais não existem discursos neutros, pois esses são produzidos para legitimar e impor as vontades, as percepções sociais daqueles que as divulgaram. Analisar, assim, quais foram as representações, prática e apropriações textuais e fotográficas sobre a África e os “retornados” construídas nas fotorreportagens na revista *O Cruzeiro*.

É preciso considerar que a imprensa produz representações que considera verdadeiras, discursos ou imagens que moldam comportamentos e modos de ver dos leitores. Neste sentido, a revista *O Cruzeiro*, através das suas fotorreportagens, destacando as fotografias, divulgou significados, mensagens sobre a África e sobre os “retornados” que foram apreendidos e resignificados pelos leitores. Portanto, ao tomarmos *O Cruzeiro* como fonte, levamos em consideração os cuidados quanto à sua utilização, pois entendemos que a mesma faz parte do contexto de uma determinada época que serviu para informar e formar opinião, importante meio de comunicação ligado a posições políticas, econômicas e ideológicas.

## 2. “Acontece que são baianos”: África e os “retornados” entre a fotografia de Pierre Verger e o texto de Gilberto Freyre

No ano de 1951 a revista *O Cruzeiro* lançou uma série de reportagens chamadas “Acontece que são baianos” com fotografias exclusivas de Pierre Verger e textos de Gilberto Freyre versando sobre a região do Golfo do Benin na África<sup>3</sup>

*O CRUZEIRO* inicia, hoje, nestas páginas, a publicação de uma série de reportagens de Gilberto Freyre e Pierre Verger, em que são fixados aspectos da vida e da conduta social de descendentes de brasileiros e de africanos que, tendo estado longos anos no Brasil, e especialmente na Bahia,

<sup>3</sup> Este material fotográfico e de identificação de documentação diversa sobre os chamados “retornados” deu origem posteriormente a tese de doutoramento de Pierre Verger publicada em 1968 na França. VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de todos os Santos: dos séculos XVII a XIX*. Tradução Tasso Gadzanis. São Paulo: Corrupio, 1987. Sobre os retornados ver também: BRAGA, Júlio Santana. *Notas sobre o “QuartierBrésil” no Daomé*. Estudos Afro-asiáticos nº6-7, 1968.

*regressaram à terra de origem portanto, nesse retôrno, costumes, cantigas, danças, canções e hábitos alimentares tipicamente brasileiros. Portanto, no regresso ao Continente Negro, crenças, ritos e também estilos arquiteturais do Brasil. Embora O CRUZEIRO não seja uma revista especializada em assuntos de antropologia, etnografia e sociologia, não procurou abordar tema tão apaixonante apenas pelo aspecto pitoresco que êle pudesse apresentar.*

*O Cruzeiro 11 de agosto de 1951 nº43- Ano XXIII p.p72,73.74,75,76,104,45*

Nesta apresentação da série de reportagens podemos observar que objetivaram mostrar o que hoje, na perspectiva da História Cultural, identificamos, como as sociabilidades, o cotidiano de descendentes de ex-escravizados nascidos no Brasil ou em África, que retornaram ao continente africano. A justificativa para esta série se baseou no interesse de elementos e influências culturais nas trocas entre Brasil, sobretudo a Bahia, e a região do Golfo do Benin. Contudo, a revista enfatizou o “aspecto pitoresco” que seria próprio de tal assunto, ou seja, ao um olhar sobre o “lado exótico” da África.

Estes aspectos foram tratados separadamente nas fotorreportagens. Aqui trataremos da primeira reportagem que abordou o tema das festas.

*Festas populares levadas do Brasil para África por africanos abasileirados pela Bahia – Cantigas do Brasil ainda hoje cantadas em português – Erotismo contido por familismo – Explicação da sobrevivência do “brasileiros” na África e de sua resistência à reabsorção pela cultura africana.*

*Não é de admirar que dentre os elementos de cultura brasileira levados à África por africanos abasileirados por longo contato com o Brasil, destaquem-se as festas. As festas populares, com sua gorda e bonita substância folclórica. As festas profanas, das quais nem sempre é fácil separar as religiosas propriamente ditas.*

*Quase todos os africanos “brasileiros” voltaram à África, da Bahia. Às vezes de outros pontos do Brasil, mas “via Bahia”. Abaianados, portanto. Amaciados, urbanizados, polidos pela Bahia. E quem diz Bahia ou baiano diz festa, bôlo,doce, mulata, alegria e até pecado: os sete pecados mortais refugiados à sombra de todos os santos. Diz música, dança, canto, foguete, capoeiragem, pastel enfeitado com papel de cor e caprichosamente recortado, caruru, violão, balangandã, chinelinha leve na ponta do pé da mulher (em contraste com o tamanco pesadamente português do homem), saia de roda, camisa ou cabeção picado de renda, de mulatas, de quadraronas provocantes*

*Não é de admirar que as cantigas em língua portuguesa do Brasil um tanto estropiada pela distância e pelo tempo (...) descendentes de “brasileiros” ou “bairanos”, estejam salpicadas de brasileirismos de dia de festa.*

*O Cruzeiro 11 de agosto de 1951 nº43- Ano XXIII p.p72,73.74,75,76,104,45*

No texto acima, os autores consideraram que foi a partir da Bahia que muitos elementos das festas como: a culinária, música, dança, vestuário foram conservados na região de Porto Novo. Neste fragmento, podemos verificar a construção de uma representação dos sujeitos do Brasil, no caso da Bahia, intrinsecamente ligados à noção de que “tudo se resume a festa”, pois quem “diz Bahia” “diz festa”. Assim, estes retornados que foram “amaciados, urbanizados, polidos pela Bahia” regressaram a África e continuaram reproduzindo esta representação de “festa”. Para Freyre tal conservação se deu por via materna:

*(...) esses “brasileiros” ou “baianos” vêm-se conservando “brasileiros” à sombra do culto da família ou da casa cristãmente organizada em torno da mulher de monogamia, culto que os tem distanciado social e psicologicamente da maior parte dos demais africanos. (...)*

*A grande mãe – a mãe das mães – parece que, para os africanos “brasileiros” de Pôrto Novo, vem se conservando a Bahia. Mãe das mães – ou mãe comum – à qual os descendentes das simples mães individuais se conservavam fieis através de um culto de família cristãmente organizada que transparece nos próprios cantos de festas de rua, ou profanas, cujo erotismo é contido pelo familismo ou pelo domesticismo. Esse culto é que principalmente parece explicar a sobrevivência, na África, daquele grupo de descendentes de africanos “brasileiros”: sua resistência à reabsorção pela cultura africana.*

*O Cruzeiro 11 de agosto de 1951 nº43- Ano XXIII p.72,73,74,75,76,104,45*

Estes “brasileiros” são representados também como unidos em torno de uma linha matrilineare tendo como um dos focos centrais de uma comunhão cultural o catolicismo. Retomando estes mesmos sujeitos, os “retornados à região do Golfo do Benin, num estudo realizado trinta anos depois, Manuela Carneiro da Cunha (CUNHA, 1985)ressaltou as diferenças culturais entre estes “brasileiros” e os chamados “negros da terra”, tendo as práticas do catolicismo entre estes dois grupos também como enfoque. Esta autora partiu da hipótese de que a presença do catolicismo entre os “brasileiros” desta região seria como uma “identificação necessária para se definirem as fronteiras de um grupo de interesse, desejoso de se apropriar do comércio com o Brasil e da posição de intermediário no comércio com o interior”. Assim, o catolicismo forneceu ao grupo de “brasileiros” uma identidade que os tornou diferentes da população local tida com “animista” e dos “saros” protestantes (CUNHA, 1987)

Freyre e Verger tiveram a percepção da existência de diferenças nos modos de crer, como podemos perceber neste trecho:

*Ao contrário: eles continuam a influir sobre essa cultura no sentido de sua cristianização e do seu luso-abrasileiramento. Reconhece-o A. B. Loatar em **The Torch Bearers**. Aí escreve que escravos e filhos de escravos africanos, tendo absorvido, na América, alguma coisa de civilização e da religião de seus senhores, comunicaram à África, no seu regresso, os valores adquirido na América.*

*O Cruzeiro 11 de agosto de 1951 n°43- Ano XXIII p.p72,73.74,75,76,104,*

Observamos que o autor considera que estes “brasileiros” resistiram à “reabsorção pela cultura africana”. Conforme o texto estes “brasileiros” absorveram “alguma coisa de civilização e de religião”, no caso à católica, e levaram à África tais valores quando regressaram. Para além de resistir a uma dita “reabsorção da cultura africana” para Freyre estes “brasileiros” buscavam converter os sujeitos da comunidade ao catolicismo a partir de um viés “luso-abrasileirado”. Em estudo mais recente Milton Guran (GURAN, 2002:53) verificou que esses “brasileiros”, também chamados de “agudás” não possuíam língua nem territórios próprios, no entanto, gozavam de um “status” que os diferenciavam na sociedade. E entre os aspectos culturais trazidos por esses “brasileiros” estavam: a família patriarcal mononuclear, o uso do sobrenome, o catolicismo, as festas religiosas, novos hábitos alimentares e técnicas de construções arquitetônicas. Ressalta ainda que a cultura “agudá” num primeiro momento, uma cultura europeia, foi se enriquecendo com aspectos da cultura brasileira, tal como ela ia se construindo no Brasil. Vejamos as parte fotográficas da reportagem:



Fotografia – 1 FREYRE, Gilberto; VERGER, Pierre. Acontece que são baianos I. *O Cruzeiro* 11 de agosto de 1951 n°43- Ano XXIII p.p 72,73.74,75,76,104,45

Partindo para a análise das fotos produzidas por Verger, que constituem a parte visual das fotorreportagens, na foto de número 1 as imagens retratadas apresentam a festa do Bonfim em Porto Novo. Nela os autores destacam que era intensa a presença dos “brasileiros”. A festa começava com um grande desfile, com aspectos típicos do Carnaval baiano, com as pessoas fantasiadas. O destaque diferencial era a existência de uma bandeira de abre-alas com a inscrição “Grande Soirée Brésilienne de Buorihan”. Cantavam em português músicas que reafirmam a origem brasileira da festa. Por fim, tinha a apresentação da *bourihan*, a parte profana da festa religiosa um folguedo que correspondia ao bumba-meu-boi no Brasil. Assim, reforçando a ideia apresentada por Freyre nos textos, as fotografias evidenciavam a valorização de *uma cultura luso-brasileira* em África. Nas fotografias, Verger evidenciou as pessoas, os corpos, os movimentos.

Na segunda reportagem da série, o tema festa do Bonfim continuou sendo explorado, sobretudo as questões relacionadas ao catolicismo. Esta fotorreportagem foi intitulada – O Senhor do Bomfim domina a África.

*Festas e cerimônias religiosas entre africanos “brasileiros” de Lagos – Nomes cristãos e de famílias – Cemitérios e Capela cristãs – Irmandade e culto do Senhor do Bomfim – Testamento cristão de um “ioiô” rico e dono de escravos.*

*Já sugerimos esta explicação para a sobrevivência dos africanos “brasileiros” em Lagos e noutros pontos da África como grupos não só predominantemente endogâmico – isto é, de gente que vem casando entre si – como culturalmente diferenciado da cultura puramente africana pelo conjunto de costumes, hábitos e estilos de vida abaianados que conservam: o fato de sua fidelidade ao catolicismo à moda festivamente baiana. Fidelidade não só teológica e litúrgica, através da fé e do culto dos santos católicos, como moral ou social, através da organização senão monogâmica, patriarcal, de família e do culto, ao mesmo tempo religioso e familiar, da Mulher-Mãe. (...)*

*O Cruzeiro 18 de agosto de 1951 nº44- Ano XXIII p.p62,63,64,68,90*

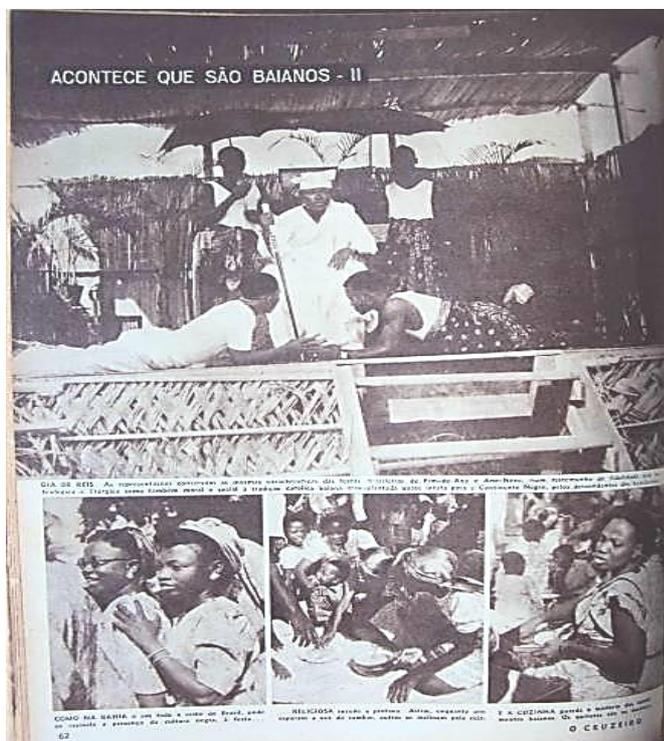
Continuando a reportagem, o autor Gilberto Freyre falou das influências brasileiras que os “retornados” levaram para África e em seguida conclui a reportagem.

*O padre Lafitte (...) nota (...) que êssex-escravos que, pelo “mais inocente dos orgulhos”, não queriam ser considerados “negros” porém cristãos, não tinham, às vêzes, de cristãos senão o nome ou o batismo ou a aparência: até “divindades negras” invocavam alguns dêles. A África a querer reabsorver sua própria gente. Sua própria carne. A querer vencer, quebrar, destruir o que de sagrado ou de santo os “brasileiros” tinham trazido da Bahia juntamente com os nomes de família, os chambres, as saias, a língua, os ritos de família, a liturgia religiosa, as farinhas, os deces, os cantos, os costumes imitados dos ioiôs e das iaiás brancas.*

*A verdade, porém, é que nessa luta entre a Bahia e a África – luta cujo campo de batalha tem sido menos a carne que o espírito de ex-escravos, em parte desafricanizados pelo Brasil – a Bahia vem conseguindo conservar seu estandarte em plena terra inimiga. Seu estandarte marcado pela Cruz de Cristo.*

*O Cruzeiro 18 de agosto de 1951 nº44- Ano XXIII p.p62,63,64,68,90*

Podemos observar que neste fragmento, a representação de África foi construída como uma “terra inimiga”, que tenta reabsorver os cristãos ou mestiços. Entretanto, acaba sendo uma tentativa frustrada, haja vista, que estes cristãos “abrasileirados” continuavam fortemente ligados ao catolicismo, sobretudo por via de uma matrilinearidade baiano-afro.



Fotografia – 2 FREYRE, Gilberto; VERGER, Pierre. Acontece que são baianos II. *O Cruzeiro* 18 de agosto de 1951 n°44- Ano XXIII p.p62,63,64,68,90

Numa perspectiva de marcar estas similaridades entre África e Bahia, a foto de número 2 tirada em África, remete aos festejos do Senhor do Bonfim e as representações dos dias de Reis, celebradas na Bahia. Ao observarmos a sequência de três fotografias abaixo do primeiro enquadramento podemos notar mais uma vez evidenciados em África- Benin elementos das festas tradicionais católicas da Bahia. A sequência retrata o lado profano da festa, como por exemplo, a alimentação constituída por uma culinária típica baiana e o samba. Nas fotografias percebe-se o enfoque na parte festiva da celebração do Bonfim, que é considerada por Freyre como “tradicional da Bahia Católica”. Questão interessante sobre as apropriações culturais e seus sentidos, pois na Bahia tais festas são consideradas fortemente influenciadas por elementos africanos.

Fica também notório, mais uma vez, nas fotografias 3 e 4 a valorização que Verger deu as pessoas. Nas cenas retratadas os indivíduos estão usando trajes típicos africanos *comopagne*, e turbantes, neste caso, uma representação de si ao modo africano

e não luso-brasileiro. Na fotorreportagem seguinte, destacou-se as heranças materiais como a arquitetura.

#### CASAS BRASILEIRAS NA ÁFRICA

*Arquitetura de feitiço brasileiro ou baiano na África – Mestres de obras, construtores, pintores de casas – As artes do móvel, da cozinha, do doce, do traje, levadas da Bahia para a África por africanos abasileirados. Sobrevivência da cultura brasileira na África, através da casa e das artes domésticas.*

*Diz-se em Lagos que, ao chegar ali em 1897, um governador britânico do Protetorado que era também engenheiro ilustre – Sir Henry Me Allum – saiu a passeio pela cidade. Em certa rua, defrontou-se com a Pro-Catedral da Santa Cruz. Ficou assombrado. Admirou de olhos arregalados as torres bem construídas: eram admiráveis como arquitetura. Soube então que a primeira das torres fora construída sob a direção de um padre europeu. A outra, porém, construíra-a sozinho um “africano” brasileiro: “ioiô” Francisco Nobre (...).*

*O Cruzeiro 25 de agosto de 1951 nº45- Ano XXIII p.p102,103,104,106*

O destaque na arquitetura em Lagos também foi evidenciado por Cunha, (CUNHA, 1985: 136) para quem os “retornados” alcançaram grande reputação, na área da arquitetura, pois construíram grandes mesquitas e catedrais. Seus sobrados no bairro brasileiro serviram de modelos, além de atestarem a fortuna de seus proprietários.

*O inglês, como bom inglês, raciocinou logo: Se africanos de volta dos Brasis podem levantar torres como esta, por que não escolher o Gôverno de Lagos um grupo de rapazes africanos mais inteligentes para que sejam enviados à Inglaterra a fim de estudarem engenharia? Foi o que se fêz. Não nos esqueçamos, porém de que na base desta revolução técnica nas relações da imperial Grã-Bretanha com a África se encontra uma torre de igreja levantada por um africano que aprendera a arte de construir com mestres de obras do Brasil.*

*O Cruzeiro 25 de agosto de 1951 nº45- Ano XXIII p.p102,103,104,106*

Da mesma forma que o governador inglês do século XIX admirou o trabalho desenvolvido por africanos “abasileirados” em construções arquitetônicas, Freyre também o fez. Todavia, em ambos podemos observar que os africanos são vistos como incapazes de produzir, ou desenvolver um tipo de engenharia, arquitetura, próprios, eles tiveram que assimilar no Brasil, via portugueses e na Inglaterra conhecimentos que tornaram seus trabalhos admiráveis.

*Mas não foi só a arte de construtor, de mestre de obras, de pedreiro que, através de africanos por longos anos presos ao Brasil, uns como escravos, outros como homens livres (...) marcou, durante longo tempo (...) a paisagem da África ocidental (...).*

*Confirma-se, ainda aqui, a tese desde o início esboçada nesta série de artigos: a de que foi o familismo unido ao cristianismo que permitiu aos africanos “brasileiros” de Lagos e de outros pontos da África, sobreviverem aos perigos da reabsorção da cultura luso-brasileira, por eles adquirida na Bahia, pela cultura africana (...).*

*O Cruzeiro 25 de agosto de 1951 nº45- Ano XXIII p.p102,103,104,106*

Mais uma vez, Freyre reafirma os aspectos relacionados à família e a religião que envolveram os retornados em uma comunidade brasileira em Lagos e que fizeram com que não fossem “reabsorvidos” pela cultura africana, vista então como algo inferior.



Fotografia – 30 *Cruzeiro* 25 de agosto de 1951 nº45- Ano XXIII p.p102,103,104,106

Numa íntima correlação texto e imagem, as fotografia de número 3 mostra de fato a herança material, nas construções arquitetônicas vindas do Brasil, principalmente

da região nordeste, Bahia e Pernambuco. Os detalhes nos portões, e a identidade católica expressada na cruz desenhada nas edificações. Embora, na parte inferior haja também o símbolo dos leões entre a cruz que pode se configurar uma mística entre o catolicismo e elementos africanos.

### 3. Considerações finais

Da leitura das fotorreportagens apontamos aqui alguns aspectos. Primeiro que se trata de um *olhar estrangeiro*, pois tanto Pierre Verger como Gilberto Freyre foram sujeitos de fora. Ainda que tenham se notabilizado por seus trabalhos de cunho antropológico e sociológico, reproduziram em alguma medida, uma visão estereotipada do continente africano. Como nos lembra Peter Burke ( BURKE, 2004:155) quando ocorre encontros entre culturas é provável que a imagem que cada cultura possui da outra seja estereotipada. Em todo caso, o estereótipo acaba exagerando alguns traços da realidade e omitindo outros. Ao analisar as imagens, as fotográficas e também o texto enquanto uma imagem é preciso perceber o “olhar” do produtor de tal imagem, o lugar de onde ele fala e seu contexto.

Ao observar as fotografias de Pierre Verger sobre África e os retornados n’*O Cruzeiro*, fica notório seu interesse pela cultura africana e tais imagens nos possibilita perceber o que Verger viu e fabricou com sua “Rolleiflex” da África que visitou. Nas suas fotografias ficou evidente o olhar sobre as pessoas, os personagens, o cotidiano em seus detalhes, as diferenças culturais, os universos africanos. Quando olhamos as fotografias de Verger na série “Acontece que são baianos” podemos notar que o fotógrafo era sensível à cultura popular em África, no caso, Golfo do Benin, África Ocidental. É importante localizar a região, situar a África de Verger, pois as imagens foram centradas nesta região do continente, e o olhar sempre filtra, registra uma parte da realidade, um olhar, ou seja, uma África.

Em estudo contemporâneo ao período das publicações da série *n’O Cruzeiro*, Gilberto Freyre (FREYRE, 1959) fez algumas considerações sobre a relação do Brasil e o que denominou de população luso africana. Caracterizou como “o mundo que o português criou” a relação do Brasil com as demais áreas do que designou como

conjunto luso-tropical de culturas e populações. Para Freyre, os povos podem ser redescobertos, na análise de seu passado, a partir das suas tendências de comportamento, o cotidiano, suas manifestações de vida e de cultura.

Mas, a África retratada por Verger foi a mesma África descrita por Freyre na série? Não, o próprio Freyre esclareceu que só posteriormente visitou algumas das áreas fotografadas por Verger, provavelmente, parte da região do Golfo do Benin, na África Ocidental. A África observada, de fato por Freyre foi Angola e São Tomé, em que notou influências brasileiras, sobretudo, nas experiências de cultivos nas chamadas “hortas”, inspiradas nos estabelecimentos rurais brasileiros. Portanto, há uma contradição entre o discurso fotográfico de Verger e o discurso textual de Freyre, já que a África do texto não foi a mesma da fotografia. Muito embora, as fotorreportagens procurem manter uma correlação estreita entre texto e imagem, no sentido de apresentar os chamados “retornados” e nestes uma forte influência dos aspectos culturais luso-brasileiros.

Ainda assim, identifica-se nas fotografias de Verger a valorização dos sujeitos e principalmente dos aspectos culturais herdados do Brasil. Contudo, para dar sentido às fotos, Freyre evidencia os elementos dessa, no entanto o faz a partir de uma ênfase na superioridade dos costumes luso-brasileiros em oposição aos modos de viver dos africanos da região do Benin. Reproduzindo as mensagens dos textos associadas ao poder das imagens fotográficas as fotorreportagens exercem uma ação significativa ao transmitirem certas ideias e valores. Ao apresentarem na série “Acontece que são Baianos” a ideia de superioridade dos “abrasileirados” em oposição aos sujeitos africanos e ao seu lugar, o Golfo do Benin. Assim, podemos verificar uma construção, uma imagem, sobretudo textual que *O Cruzeiro* passou de África associada ainda a determinados estereótipos de negatividade, ainda que as fotografias de Verger tenham evidenciado, valorizando o “outro” no seu cotidiano e em suas manifestações culturais.

#### 4. Referências bibliográficas:

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *O Mundo como Representação*. Estudos Avançados v. 5, n. 11, São Paulo Jan/abr, 1991.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. Brasiliense, São Paulo, 1985.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Religião, comércio e etnicidade: uma interpretação preliminar do catolicismo brasileiro em Lagos no século XIX*. IN: *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. Brasiliense, São Paulo, 1987.

FREYRE, Gilberto. *Acontece que são baianos*. Problemas Brasileiros de Antropologia. 2ª edição, revisada e aumentada. Livraria José Olympio editora. Rio de Janeiro, 1959.

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

GURAN, Milton. *Da bricolagem da memória à construção da própria imagem entre os Agudás do Benim*. Afro-Ásia, 28 (2002), 45-76.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. Editora Ática: São Paulo, 1989.

LINS, Alene e VALENTE, Rosângela. *Fotojornalismo: informação, técnica e arte*. Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1997.

LÜHNING, Angela. Homenagem: Pierre Verger, Afro-Ásia, nº 21-22 p.p315-364 (1998-1999). LÜHNING, Angela (org) Pierre Verger, Repórter Fotográfico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MUAD, Ana Maria. *Através das imagens: Fotografia e História interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol1, nº 2, 1996, (73-98).

NETTO ACCIOLY, Antonio. *O Império de papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

SOUSA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa*. Porto, 2002.